



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

JOYCE HENRIQUE BARBOSA DE LIMA

**RECURSOS SEMÂNTICO-TEXTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO *MEME***

João Pessoa

2018

JOYCE HENRIQUE BARBOSA DE LIMA

**RECURSOS SEMÂNTICO-TEXTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR: UMA
ANÁLISE DO GÊNERO *MEME***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Universidade Federal da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano
Trindade Ferraz.

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732r Lima, Joyce Henrique Barbosa de.

Recursos semântico-textuais na construção do humor: uma análise do gênero meme / Joyce Henrique Barbosa de Lima. - João Pessoa, 2018.

47 f. : il.

Orientação: Mônica Mano Trindade Ferraz.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Texto humorístico. 2. Intertextualidade. 3. Ambiguidade. 4. Quebra de expectativas. 5. Memes. I. Ferraz, Mônica Mano Trindade. II. Título.

UFPB/CCHLA

JOYCE HENRIQUE BARBOSA DE LIMA

RECURSOS SEMÂNTICO-TEXTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO *MEME*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Universidade Federal da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciada em Letras Português.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz, DLCV, UFPB
Orientadora

Profa. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos, DLCV, UFPB
Examinadora

Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza, DLCV, UFPB
Examinador

Prof. Magdiel Medeiros Aragão Neto, DLCV, UFPB
Suplente

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, aquele que criou, sustenta, preenche e dá sentido a todas as coisas que existem e às que ainda virão a existir. Sem Ele eu não posso ser.

À minha família. Às minhas irmãs, Jéssica e Gabi, que desde o meu nascimento lidam com a desafiadora experiência que é cuidar de uma irmã mais nova. Sobretudo, à minha mãe, Lissandra, a quem amo profundamente e que me inspira em tantos aspectos, principalmente por sua garra; e ao meu pai, Paulo, a quem amo de igual modo e que é o homem mais amoroso que já conheci. A vocês quatro, por tudo o que não consigo expressar em palavras. Essa conquista é nossa.

À Jorhanna, minha fiel amiga e irmã para além dos laços sanguíneos, por sua paciência, por seus conselhos, pelas risadas e, principalmente, por seu incentivo constante. Sua amizade tem sido essencial. “Kms”.

À Marcela, amiga que ganhei na Academia e com quem dividi muitas experiências ao longo dessa jornada chamada graduação. Sei que sem sua amizade o percurso teria sido mais difícil.

À minha orientadora Mônica Ferraz, que eu descobri ser uma pessoa incrível, por sua paciência ao ensinar, por sua simplicidade, por ter me recebido tão bem e por seu bom humor.

Gratidão.

“Procurando a sabedoria, observei tudo o que acontecia em toda a terra — uma atividade contínua, dia e noite, sem parar. É claro que só Deus pode ver tudo. Ninguém é capaz de entender o que se faz debaixo do sol. Por mais que se esforce para descobrir o sentido das coisas, o homem não o encontrará. O sábio pode até dizer que consegue compreender, mas na realidade ele não entende”.

(Eclesiastes 8.16-17)

RESUMO

Com a chegada da *internet*, a comunicação humana sofreu uma grande mudança, mais ainda, com o advento das redes sociais. Em decorrência das adequações linguísticas a esses movimentos sociais e culturais, algumas formas de comunicação são esquecidas e dão lugar a outras, assim, surgem novos gêneros textuais. Nesta evolução, a sociedade assistiu à chegada dos *memes*, textos de cunho humorístico que são compartilhados nas redes sociais. Nos últimos oito anos, esse tipo de texto humorístico se tornou tão popular quanto as tirinhas e as charges. Não obstante sua expressiva popularidade, as pesquisas sobre os *memes* ainda são escassas. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo observar esse gênero, analisando como a intertextualidade, a ambiguidade e a quebra de expectativas atuam na construção do humor dos *memes*. Para tanto, realizamos uma análise descritiva de nosso *corpus*, constituído de nove *memes* retirados do *Instagram*. Nosso aporte teórico conta com as contribuições de estudiosos como Marcuschi (2008), Koch (2007, 2015) e Possenti (2010). Através da análise feita, concluímos que os recursos linguísticos citados são eficazes no efeito humorístico dos *memes*.

Palavras-chave: Texto humorístico. Intertextualidade. Ambiguidade. Quebra de expectativas. *Memes*.

ABSTRACT

With the arrival of the internet, human communication has undergone a great change, even more, with the advent of social networks. Due to the linguistic adjustments to these social and cultural movements, some ways of communication are forgotten and give way to others, thus new textual genres arise. In this evolution, the society witnessed the arrival of memes, humorous texts that are shared in social networks. In the last eight years, this type of humorous text has become as popular as the comic strips and cartoons. Despite its expressive popularity, searches about memes are still scarce. In this way, the present work aims to observe this genre in order to analyze how the intertextuality, the ambiguity and the breaking of expectations act in the construction of the humor of the memes. To do so, we performed a descriptive analysis of our *corpus*, made up of nine memes taken from Instagram. Our theoretical framework includes the contributions of scholars like Marcuschi (2008), Koch (2007, 2015) and Possenti (2010). Through the analysis, we conclude that the mentioned linguistic resources are effective in the humorous effect of memes.

Keywords: Humorous text. Intertextuality. Ambiguity. Breach of expectations. Memes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Meme</i> "Richard Dawkins"	18
Figura 2 – Bilhete original	19
Figura 3 – <i>Meme</i> “é verdade esse bilete”	20
Figura 4 – <i>Meme</i> “é verdade esse bilete”	20
Figura 5 – <i>Meme</i> "estou ciente e quero continuar"	29
Figura 6 – <i>Meme</i> “foco, força e fé”	31
Figura 7 – <i>Meme</i> “eu não preciso disso”	33
Figura 8 – <i>Meme</i> “camiseta de homem”	35
Figura 9 – <i>Meme</i> “película de vidro”	36
Figura 10 – <i>Meme</i> “vai passar”	38
Figura 11 – <i>Meme</i> “entrega”	39
Figura 12 – <i>Meme</i> “assistir um filminho”	41
Figura 13 – <i>Meme</i> “apaixonados”	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TEXTO, GÊNEROS TEXTUAIS E <i>MEMES</i>	10
1.1 Breve noção de texto	10
1.2 Os gêneros textuais.....	12
1.3 <i>Meme</i>: um gênero textual	16
2 O DISCURSO HUMORÍSTICO	22
2.1 Intertextualidade	24
2.2 Ambiguidade.....	25
2.3 Quebra de expectativas.....	27
3 ANÁLISE	29
3.1 <i>Memes</i> com intertextualidade.....	29
3.2 <i>Memes</i> com ambiguidade.....	35
3.3 <i>Memes</i> com quebra de expectativas.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Nossa comunicação linguística não se faz por meio de unidades isoladas ou palavras soltas que sejam neutras ou até mesmo vazias, ao contrário, dialogamos uns com os outros através de diferentes enunciados carregados de sentido, sejam orais ou visuais. Neste sentido, nossa interação se configura como algo de infinitas possibilidades, pois nossa criatividade nos permite conceber, a cada instante, novas maneiras de interagir com o mundo a nossa volta. Contudo, não há como falarmos em comunicação sem mencionarmos os textos, os quais são constituídos dos variados enunciados significativos que mencionamos acima. Para iniciar, o texto oral e/ou escrito, verbal e/ou não verbal, pode ser entendido, em sua definição mais básica, como um tecido repleto de significações. Os textos se organizam e se manifestam de acordo com cada necessidade comunicativa que possuímos, a estas formas de organização chamamos gêneros textuais.

É sabido que a quantidade de gêneros textuais existentes atualmente é quase incontável. A todo momento inúmeros gêneros são utilizados nas relações humanas diárias e, à medida em que alguns gêneros textuais caem no desuso, outros são criados, o que torna ainda mais visíveis a funcionalidade e a complexidade da comunicação humana. Dentre os gêneros textuais recentes encontramos o *meme*, produção textual um tanto interessante que, na maioria das vezes, utiliza-se da mescla de textos verbais e não verbais para propagar o humor, principalmente na *internet*. Considerando a proporção que o *meme* vem ganhando nos últimos anos, entendemos que é válido lançar um olhar sobre ele a fim de estudá-lo e entendê-lo melhor.

Objetivamos, portanto, observar a construção do humor no gênero textual *meme* a partir de diferentes recursos semântico-textuais e analisar como a intertextualidade, a ambiguidade e a quebra de expectativas contribuem para o efeito humorístico causado nos leitores dos *memes*.

Escolhemos o gênero *meme* para ser o nosso objeto de estudo, primeiramente por se tratar de um gênero textual que pode estar entre os mais populares e usados atualmente. Além disso, observamos que, apesar da sua popularidade, ainda não é possível encontrar muitos estudos sobre os *memes*, talvez isso se explique pelo fato de que estes se tornaram populares há pouco tempo. Ainda justificamos nossa escolha pelo fato de que a maioria

dos estudos que se propõem a analisar textos humorísticos se limita às tirinhas, às piadas e às charges, sendo assim, gostaríamos de propor uma outra – mas não inédita – forma de estudar o humor presente em produções textuais.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, preocupamo-nos em primeiramente fazer uma exposição sobre as noções de texto. Entendemos que a discussão acerca do que é um texto é bastante ampla, além de não ser consenso entre os linguistas, no entanto nossa explanação é naturalmente breve e pretende apenas oferecer aos leitores um panorama sobre o que tem sido discutido a respeito do conceito de texto ao longo dos anos. Em segundo lugar, falaremos sobre os gêneros textuais, posto que estes estão intrinsecamente ligados aos textos e, conseqüentemente, ao nosso objeto de análise, a saber, o *meme*, o qual será abordado na terceira seção desse mesmo capítulo.

O segundo capítulo também se configura como teórico e trata do texto humorístico. Não se pode negar a gama de possibilidades de estudos que o humor oferece, o que pode ser constatado no fato de que ele tem sido objeto de análise em diferentes campos do conhecimento, nos quais se inclui a linguística. Interessa-nos, portanto, falar sobre as características que compõem o texto de humor e através de quais recursos o seu teor risível geralmente se manifesta. Para atender à proposta do nosso trabalho, focaremos em três recursos semântico-textuais que foram escolhidos com base em sua recorrência durante a coleta do objeto de análise.

O terceiro capítulo deste trabalho é dedicado à análise. Ao todo, analisaremos 9 (nove) *memes* a fim de que seja possível visualizar e compreender como determinados recursos semântico-textuais – intertextualidade, ambiguidade e quebra de expectativas – auxiliam no efeito humorístico dos textos.

Embora todas as discussões aqui apresentadas possam ser ampliadas e resultarem em outros trabalhos – dada a complexidade e a riqueza que cada tópico apresenta –, desejamos fazer uma breve explanação sobre cada assunto, mas que seja suficiente para a compreensão dos leitores, posto que não é nossa finalidade última fazer um trabalho exaustivo sobre cada aspecto apresentado.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais e as referências utilizadas como aporte teórico para nossa pesquisa.

1 TEXTO, GÊNEROS TEXTUAIS E *MEMES*

Para melhor entendimento acerca dos temas estudados, dividimos nosso primeiro capítulo em três partes, nas quais falaremos sobre o conceito de texto dado ao longo da história dos estudos linguísticos e nossa posição adotada neste trabalho; o que são os gêneros textuais, como se comportam e qual é sua essência no que diz respeito à comunicação humana e à organização de tarefas no cotidiano; por fim, falaremos sobre o que é o gênero *meme*, qual é a sua origem, sua composição, sua finalidade e suas demais características.

1.1 Breve noção de texto

Não raramente nos deparamos com a palavra “texto” e, de forma geral, tem-se uma vaga noção do que esta palavra significa. Por exemplo, entre os não estudiosos da língua, é muito comum que este termo seja relacionado quase estritamente à produção escrita. Apesar de usarmos tal palavra de forma muito recorrente, raramente refletimos sobre o que ela pode significar e, quando o fazemos de forma sistemática e acadêmica, percebemos que não é tarefa simples esgotar o conceito sobre “texto”.

Entre os estudiosos do campo da linguística, a definição de “texto” não é consenso, isto porque, a depender da teoria que se adote, a visão sobre este objeto pode mudar. Ao longo da história dos estudos linguísticos, o texto recebeu muitas definições. Logo no início, os linguistas conceberam-no como sendo a unidade - do sistema linguístico - superior à frase, um grupo de proposições semânticas, ou ainda, uma combinação de frases. Em um segundo momento, do ponto de vista pragmático, o texto veio a ser entendido como uma sequência de atos de fala, ou ainda, um fenômeno resultante de processos mentais. O texto também pode ser conceituado como

Uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 2007, p. 27).

Aqui podemos observar um elemento que não fora citado anteriormente entre as primeiras reflexões sobre o texto, a saber, a co-enunciação. Este fator é de suma importância para a concretização das produções textuais, uma vez que estas não são

isoladas, isto é, ao se fazer um texto, o autor – que antes era o único sujeito importante na produção textual – pensa principalmente em seu interlocutor, com quem o seu texto dialogará. É interessante notar que a autora resume a noção de texto a partir de uma junção dos aspectos (estruturais, semânticos e cognitivos) que antes eram usados separadamente para definir o que realmente seria uma produção textual, ou seja, Koch (2007) convencionou que a participação de mais de um enunciador é fator crucial para a produção textual, seja ela falada ou escrita, pois o seu aspecto semântico só é possível de ser construído e compreendido a partir da interação dos sujeitos.

Dessa forma, o sentido de um texto não está na soma dos significados emitidos por cada elemento linguístico contido nele, mas se constitui de acordo com as leituras dos interlocutores, portanto, é compreensível o fato de que um mesmo texto pode ter múltiplas e distintas significações dependendo do contexto no qual ele está inserido. No entanto, fazemos aqui algumas ressalvas quanto à concepção de “múltiplas leituras”. O texto humorístico, por exemplo, ativa, inicialmente, possibilidades de interpretação, para, em seguida, conduzir o leitor a uma única leitura possível, fato que explicitaremos melhor no capítulo subsequente, quando tratarmos dos aspectos dos textos de humor.

Para exemplificar a multiplicidade de significações dos textos em diferentes contextos, imaginemos o enunciado “proibido usar biquíni”, escrito em uma placa nas dependências de uma praia de nudismo. Agora, imaginemos o mesmo enunciado, também em uma placa, mas em um parque aquático frequentado apenas por pessoas muçulmanas. Certamente, no primeiro cenário descrito, as pessoas entenderão que é proibido estar usando qualquer traje, pois se trata de uma praia na qual as pessoas não costumam estar vestidas; já no segundo cenário, provavelmente as pessoas entenderão que a mensagem passada é a de que biquínis são inapropriados, porquanto mostram demasiadamente o corpo, o que não faz parte da cultura muçulmana, como bem sabemos. Assim, importarão no texto tanto os elementos linguísticos, quanto as condições nas quais se deu a produção textual, quem o lê, quando o lê, por que o lê etc.

Para ajudar a reiterar esta linha de pensamento, Beaugrande (1997), citado por Marcuschi (2008, p. 72), afirma que “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Isto significa que os textos vão além da estrutura do sistema linguístico, bem como não são apenas um produto pronto e acabado do nosso intelecto. Poder-se-ia, portanto, afirmar que a produção textual engloba

um pouco de todas as características citadas anteriormente. Assim, ao falarmos de texto no presente trabalho, adotamos a concepção de que este é uma produção falada, escrita ou sinalizada, de qualquer extensão e que tem seu significado construído na interação sociocomunicativa através de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Finalmente, acima de qualquer outra característica, toda e qualquer produção textual possui uma finalidade, a saber, comunicar algo, já que qualquer texto produzido carrega consigo uma mensagem e uma intencionalidade. O meio pelo qual os textos alcançam seu propósito comunicativo se dá através de diferentes formas enunciativas, que, por sua vez, cumprem seu intento em contextos distintos e próprios. Estas formas são comumente conhecidas como “gêneros textuais”, sobre as quais falaremos no tópico a seguir.

1.2 Os gêneros textuais

Quando falamos de gêneros textuais, estamos nos referindo às diferentes maneiras de como a linguagem se manifesta no nosso cotidiano. É devido a estas diferentes formas de como a nossa língua se manifesta que nossas necessidades comunicativas podem ser atendidas diariamente e, por esta mesma razão, é quase impossível definir o número exato de gêneros textuais existentes. Os gêneros são socialmente conhecidos, exercem funções bem definidas e cada gênero textual possui suas próprias características, isso é o que nos ajuda a fazer distinção entre os inúmeros gêneros que já existem e os que vêm a existir com o passar do tempo.

Antes de nos aprofundarmos no assunto dos gêneros, importa-nos fazer uma breve, mas importante colocação sobre o que são os tipos textuais, já que é muito comum haver quem os confunda com os gêneros textuais, ou até mesmo pense que ambos são equivalentes entre si. Para começar, podemos afirmar que os tipos textuais estão diretamente ligados à estrutura gramatical de um texto. Entendemos que o

tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Assim, o tipo textual tem a ver com as formas linguísticas e se preocupa com a forma/estrutura dos modos discursivos. Ele abrange os aspectos sintáticos e lexicais, os tempos e modos verbais, o estilo, a organização do texto com base na coesão e na coerência, etc. Ao contrário de como acontece com os gêneros textuais, a tipologia textual se organiza em um número limitado de categorias e que não tem pretensão de ser expandido. São estas as categorias nas quais os tipos textuais se enquadram: narração, dissertação, argumentação, descrição e injunção. A tipologia textual não se opõe aos gêneros, mas complementa-os, por isso, é comum que dentro de um determinado gênero haja mais de um tipo textual, como no caso de uma carta, que pode apresentar uma narrativa de fatos, uma descrição de algo ou alguém etc., fazendo-nos concluir, portanto, que a tipologia compõe os gêneros dos textos.

O estudo dos gêneros textuais não é recente. Iniciou-se na Grécia com Platão, mas foi Aristóteles quem sistematizou a noção de gênero textual. Na época, o termo “gênero” estava ligado principalmente às produções literárias. Hoje, contudo, tem-se um novo olhar sobre este tema. Atualmente podemos encontrar este termo abrangendo diversas áreas de conhecimento além da Literatura. Swales (1990, p.33, apud Marcuschi, 2008, p. 147) afirma que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. Sendo assim, é comum atualmente ver a noção de gênero textual em diversos campos, como o da sociologia, da antropologia, da linguística e do folclore, para citar apenas estes.

Quando falamos sobre gêneros textuais, estamos nos reportando à língua em suas – quase – infinitas possibilidades de uso no cotidiano; trata-se de enunciados orais ou escritos materializados em atividades comunicativas frequentes. Fruto de um trabalho coletivo, os gêneros textuais são de suma importância para o bom funcionamento da comunicação em sociedade, uma vez que organizam as ações comunicativas no cotidiano. Ainda que não percebamos, diariamente estamos expostos a diversos gêneros textuais em diferentes contextos e situações comunicativas. O simples ato de abrirmos um determinado *site* de notícias, por exemplo, certamente nos levaria a ter contato com uma multiplicidade de textos, cada um encaixado em seus devidos gênero e tipo. Ainda tomando como exemplo o *site* de notícias, é possível que nele encontremos os gêneros artigo de opinião, ensaios, charges, reportagens, entre outros.

Estudiosos afirmam que comunidades que possuíam/possuem sua língua apenas na forma oral produzem um número limitado de gêneros; em contrapartida, com o advento da grafia, surgiram os gêneros próprios da escrita, possibilitando uma multiplicação quase ilimitada de gêneros textuais. Não se pode negar o fato de que a criação dos aparelhos eletrônicos como o rádio, a TV, os computadores e, a mais relevante das criações da era tecnológica, a *internet*, trouxe consigo ainda mais possibilidades de novos gêneros orais e escritos. Isto nos mostra que os gêneros textuais não são estanques, porquanto são criados e funcionam acompanhando as mudanças sociais e culturais.

Ao falarmos de novos gêneros textuais, não estamos necessariamente nos referindo a formas totalmente inéditas e isoladas. O desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da Comunicação, proporcionou uma releitura – ou uma “atualização” – de alguns gêneros preexistentes. Tomemos o *e-mail* como exemplo desta releitura. O *e-mail* é um sistema de comunicação que se baseia no envio e no recebimento de mensagens eletrônicas enviadas por computadores – ou qualquer aparelho eletrônico que possibilite o acesso aos *e-mails* – por meio da *internet*. Na composição do correio eletrônico, encontramos um remetente e um destinatário; no corpo do texto, podemos encontrar mais de um tipo textual; e, no final geralmente encontra-se uma assinatura da pessoa que está enviando a mensagem.

Esta breve descrição poderia ser facilmente usada para falarmos sobre o que basicamente seria uma carta pessoal ou comercial, um bilhete etc. Ou seja, o correio eletrônico não é uma invenção absolutamente inédita de um gênero textual, mas similar a um gênero que o precede. Poderíamos citar outros gêneros além deste, como a ligação por telefone, ou ainda a chamada de vídeo, que se assemelham à conversa face a face, por exemplo. Apesar da similaridade, cada gênero realiza-se com suas próprias características e possuem estratégias comunicativas que lhes são peculiares, principalmente por causa do seu suporte.

O suporte pode ser físico ou virtual e é imprescindível para a circulação dos gêneros na sociedade. Comumente, quando falamos em “suporte de um gênero”, pensamos em um local físico ou virtual que serve de base para a fixação de algum gênero materializado, com o objetivo de mostrá-lo. A respeito disto, podemos destacar a seguinte definição:

entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2008, p.174).

É sabido também que todos os gêneros textuais exigem um suporte para si. Convém afirmar que o texto continua sendo o mesmo independentemente do seu suporte, por exemplo, o enunciado “não toque”, independentemente de estar em uma placa ou em um pedaço de papel, não sofrerá mudanças em sua estrutura linguística, entretanto, em alguns casos, o suporte será fator decisivo para a definição do gênero textual. É fácil observarmos esta última afirmação acerca dos gêneros nos valendo de exemplos práticos.

Tomemos o seguinte enunciado: “Maria, nunca esqueça que eu te amo”. Como dito anteriormente, esta afirmação não terá sua natureza linguística alterada se estiver escrita em diferentes suportes. Se estivesse publicado em um *outdoor*, poderíamos caracterizar este gênero como uma declaração de amor pública. Mas, se a mesma estrutura estivesse em um pedaço de papel afixado na porta da geladeira, poderíamos afirmar que se trata do gênero textual bilhete. Fato é que, nos exemplos dados, o conteúdo textual seria o mesmo, apenas o gênero mudaria em função da alteração do suporte.

Há, ainda, os chamados “suportes incidentais”, que são os locais que não foram feitos com o objetivo de sustentar um texto, como é o caso do corpo, dos muros, das roupas, das partes de automóveis (o para-choque, por exemplo), das portas, entre outros. Os suportes incidentais surgem em situações especiais ou mesmo extremas, mas que não são convencionais. As portas dos banheiros das universidades geralmente sustentam diversas inscrições feitas pelas pessoas, mas isto não significa que as portas foram feitas para servir de mural. Em alguns locais é proibido riscar as paredes, o que nos faz pensar que, neste contexto, tem-se a noção de que as paredes não são suportes textuais convencionais, embora elas possam ser usadas com esta finalidade. A discussão acerca da convencionalidade de alguns suportes é relativamente ampla, e poderíamos adentrá-la, no entanto, além do fato de que não conseguiríamos esgotar tal assunto aqui, este tema não é o foco do presente trabalho. Assim, importa-nos apresentar o gênero *meme*, o qual é nosso objeto de análise.

1.3 Meme: um gênero textual

Apesar de ter havido uma profusão dos chamados *memes* na *internet* a partir do ano de 2010 (profusão que continua até hoje), ao contrário do que se pode pensar, o *meme* não é um gênero novo, muito menos este termo foi criado com a finalidade de denominar um gênero textual. Esta palavra surgiu em 1976, durante os estudos do famoso biólogo evolucionista Richard Dawkins.

Na ocasião, Dawkins estudava a evolução das espécies e postulou que não apenas características físicas podem evoluir e passar de geração para geração, mas também sentimentos, emoções e até mesmo a razão. Assim, a teoria de Dawkins objetiva explicar que a cultura humana também pode ser transmitida e evoluída. O biólogo buscou fazer uma analogia entre a capacidade de multiplicação dos genes (como as características que são transmitidas pelo DNA) com a capacidade de replicação da cultura dos seres humanos através da repetição de ideias. Os responsáveis por tal cópia são chamados de “replicadores” (DAWKINS, [1976] 2007). Surge então a ideia de criar um termo específico, que pudesse transmitir uma ideia de réplica, para denominar a evolução da cultura humana. A introdução do termo *meme* está registrada no livro intitulado *O Gene Egoísta*, escrito por Richard Dawkins, no qual podemos ler a justificativa do autor:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme (DAWKINS, [1976] 2007, p. 121).

Como pode ser observado, a escolha do pesquisador não foi gratuita, mas intencional. Levando em consideração que o termo grego utilizado – *mimeme* – tem seu significado próximo do que traduzido seria “imitação”, a escolha de Dawkins revela que *meme* não se assemelha à palavra grega apenas na grafia e na fonética, mas também na semântica.

Embora muito conhecida e utilizada, a palavra *meme* ainda é nova e não consta nos dicionários mais tradicionais da nossa língua. É possível ler um verbete no dicionário Priberam que, por se tratar de um dicionário *online*, tem seu banco de palavras atualizado mais rapidamente. O Priberam define *meme* como uma “imagem, informação ou ideia

que se espalha rapidamente através da *internet*, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem” (MEME, 2008-2013, s.p.).

Acredita-se que o termo cunhado por Dawkins em 1976 tenha sido utilizado pela primeira vez – para se referir a conteúdos virais da *internet* – em um *site* chamado *MemePool*, que foi criado por Joshua Schachter, em 1998. A partir de então, *meme* começou a ser uma palavra usada para fazer referência a conteúdos que são amplamente replicados na *Web*. O *MemePool* consiste em uma espécie de banco de mídias no qual os usuários podem compartilhar diversos conteúdos e *links* que julguem legais e/ou engraçados. Anos mais tarde, em 2000, Joshua também ajudou a desenvolver o *Delicious*, *site* que veio a existir com o mesmo propósito do primeiro criado por ele, porém aprimorado. Ainda nos anos 2000, nos Estados Unidos, ocorreu um evento que visava a debater sobre mídias digitais, chamado *Contagious Media*, no qual os palestrantes usaram o termo *meme* para falar dos conteúdos que rapidamente se espalhavam pela *internet*.¹ Não podemos negar o fato de que estes acontecimentos contribuíram para a popularização do que viria a se tornar o que hoje conhecemos como um gênero textual.

Se na teoria de Dawkins os *memes* eram entendidos como replicadores de informações de um ser para outro, com o advento da *internet*, principalmente das redes sociais, eles sofreram uma mudança em seu significado e passaram a ser classificados como montagens compartilhadas *online* que se propagam de forma muito rápida. Vejamos um exemplo de *meme*:

¹ Fonte: Super Downloads. Disponível em: <<http://www.superdownloads.com.br/materias/4649-que-memes.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2018.



Fonte: Google, 2018.

O que vemos acima é um exemplo do tipo clássico de *meme*, isto é, uma imagem somada a um texto escrito. O *meme* em questão é composto por uma foto do biólogo Richard Dawkins e enunciados que não sabemos se realmente foram ditos por ele, embora sejamos levados a crer que não o foram, já que na maioria das vezes os *memes* contam com uma mesma imagem para diferentes enunciados e contextos, isto varia de acordo com a intenção comunicativa do autor. Neste caso, a intenção é provavelmente fazer uma crítica ao que se tornou o que Dawkins chamou de *meme* em seu exaustivo estudo sobre genética, ou seja, o termo que marcou uma importante teoria passou a ser “apenas” um nome para se referir a uma imagem com um texto qualquer escrito por cima dela.

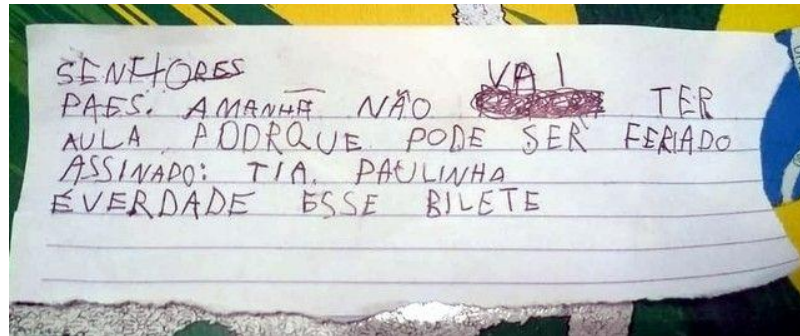
É de suma importância o conhecimento prévio dos interlocutores ao realizarem uma leitura, e neste caso não seria diferente. Os leitores conseguirão construir sentido para a Figura 1 apenas se eles souberem quem é Richard Dawkins ou que ele criou o termo *meme* em um contexto e com uma finalidade totalmente diferentes dos nossos. A partir deste conhecimento será possível compreender a provável razão para tal crítica.

Como falado anteriormente, não conseguimos encontrar a definição de *meme* em muitos dicionários da língua portuguesa. Muito ainda se especula a respeito do que pode ou não ser classificado como um *meme*. Popularmente, o que se entende por *meme* é qualquer elemento que seja retirado de seu contexto original, replicado em muitos outros contextos diferentes e que passa a ser caracterizado como um conteúdo humorístico. Este elemento de que falamos pode ser em forma de imagens, textos escritos, áudios ou vídeos.

² Tradução: “eu cunhei a palavra *meme*, mas agora ela só significa algum texto por cima de uma imagem”. Disponível em: <<https://i.imgflip.com/k3gug.jpg>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Na maioria dos casos, as pessoas juntam um texto verbal e/ou não verbal com outro elemento, também verbal e/ou não verbal, que não fazia parte do contexto original e criam, a partir da soma dos elementos escolhidos pelo autor da montagem, um novo significado, logo, não necessariamente o *memes* será uma junção de textos verbais e não verbais. Podemos ver isto se concretizando no seguinte exemplo:

Figura 2 – Bilhete original³



Fonte: Google, 2018.

O que vemos acima é uma foto de um bilhete escrito por uma criança de 5 (cinco) anos de idade.⁴ No texto, a criança se passa pela sua professora para tentar convencer seus pais de que não haveria aula no dia seguinte. O humor nesta situação ocorre no momento em que reconhecemos claramente que não se trata de um bilhete escrito pela referida “Tia Paulinha”, mas de uma farsa, e isto é perceptível primeiramente pela forma como o bilhete foi escrito do ponto de vista gramatical, em segundo lugar, o bilhete foi escrito em um pedaço de papel rasgado, o qual dificilmente seria escolhido pelos professores como suporte para o texto, posto que é comum que os professores mandem os recados escritos nos cadernos dos alunos. Esta imagem rapidamente se espalhou pela *internet* e rendeu muitos *memes*. Entendemos como *memes* as produções posteriores ao texto original, isto é, a Figura 2 é a foto do texto original, que fornece os recursos para a criação de *memes* relacionados a ele. Vejamos alguns exemplos:

³ Disponível em: <<https://pbs.twimg.com/media/DISw3ajXgAAWweV.jpg:large>>. Acesso em: 17 out. 2018.

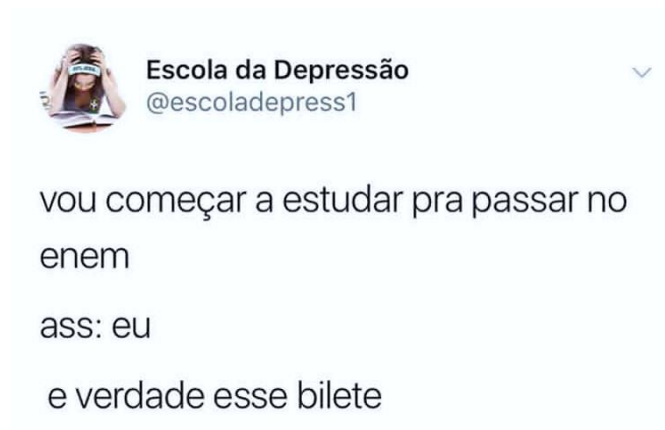
⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2018/08/29/bilete-feito-por-menino-para-faltar-a-escola-vira-meme-e-ganha-versoes-feitas-por-bichos-e-famosos.ghtml>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Figura 3 – *Meme* “é verdade esse bilete”⁵



Fonte: Google, 2018.

Figura 4 – *Meme* “é verdade esse bilete”⁶



Fonte: Google, 2018.

O enunciado “é verdade esse bilete” estabelece a conexão entre as Figuras 2, 3 e 4. Notemos que não há necessariamente uma preocupação por parte dos enunciadores das Figuras 3 e 4 em escreverem a palavra “bilhete” como ela é convencionada na nossa ortografia, já que o uso de “bilete” torna a relação com o texto original ainda mais explícita. O que constitui o *meme*, neste caso, é o enunciado “é verdade esse bilete”. Podemos notar como esse enunciado foi copiado em contextos totalmente diferentes do original: na Figura 3, ele está associado a uma promessa pessoal quanto a parar de beber; já na Figura 4, ele aparece relacionado ao fato de alguém estar decidido a se dedicar aos

⁵ Disponível em:

<<https://s3.amazonaws.com/sitesmedia/centorapadura.com.br/2018/08/31145936/0335.jpg>>. Acesso em: 17 out. 2018.

⁶ Disponível em: <https://scontent-atl3-1.cdninstagram.com/vp/c0b857f894270e37d2549a1112950e65/5C2848A1/t51.2885-15/e35/39894913_241437189845737_6050583440787505152_n.jpg>.

Acesso em: 17 out. 2018.

estudos. O mais interessante nestes exemplos, contudo, é a ressignificação do enunciado “é verdade”, que passou a sinalizar uma inverdade ou uma ironia. Assim, o *meme* passa a existir no momento em que replicam o enunciado em questão e, somando a ele outras ideias, dão a ele um novo significado.

Não nos resta dúvidas quanto ao que semanticamente foi adicionado a este enunciado. Antes do momento em que o bilhete original se espalhou pelas redes sociais, o enunciado “é verdade esse bilhete” significava “esse bilhete é verdadeiro” ou “esse bilhete comunica uma verdade para quem o lê”, mas, a partir do momento em que ele passou a ser replicado e utilizado em contextos diferentes, ganhou um novo sentido. Ao lermos, no final de algum texto, o enunciado “é verdade esse bilhete” (ou ainda “é verdade esse bilhete”), automaticamente compreendemos que se trata de um *meme* e, por conseguinte, entenderemos que há uma referência humorística no texto, o que nos levará a ressignificar nossa leitura e a colocar o valor de inverdade ao que primeiramente teríamos lido como uma verdade. Enquanto esse *meme* estiver vivo na memória discursiva das pessoas, dificilmente esse enunciado será lido como uma produção não humorística, bem como não será compreendido apenas como algo que comunica a verdade, portanto, a memória discursiva faz-se imprescindível para a compreensão dos *memes*. Reforçamos ainda que todas estas leituras só serão possíveis através do conhecimento prévio dos interlocutores, que precisam conhecer o bilhete original para depois identificarem o humor dos *memes* criados a partir dele.

Por fim, quem se utiliza desse gênero textual não pretende, em primeira instância, fazer críticas sociais, políticas, ideológicas etc. Podemos encontrar *memes* que fazem críticas diversas, como no caso do *meme* de Dawkins (ver Figura 1), mas a proporção deste tipo de conteúdo em *memes* é bem pequena se comparada à quantidade de *memes* que possuem teor menos crítico, isso porque as pessoas criam e espalham esse tipo de montagens na *internet* com o propósito de “fazer rir”, à semelhança do porquê de uma piada ser contada e passada de pessoa para pessoa. É em função da sua propriedade humorística que, no próximo capítulo, falaremos acerca das características do discurso de humor, a fim de compreendermos melhor como o humor se constrói.

2 O DISCURSO HUMORÍSTICO

O riso não é novidade na história da humanidade, também não é algo que seja tratado como pouco importante. Muito comumente vemos este elemento associado à saúde, sendo posto como, dentre tantas outras coisas, essencial para o bem-estar das pessoas, uma vez que abrange as áreas psíquicas e somáticas dos seres humanos. Por estes e outros motivos, o riso tem sido abordado e servido como objeto de estudo em muitas áreas do conhecimento, tais como a Medicina e a Psicologia, para citar apenas as áreas relacionadas à Saúde. Não podemos esquecer de que o riso é acarretado principalmente pelo humor, o qual apresenta um caráter multidisciplinar.

De acordo com os dicionários, o vocábulo “humor” tem mais de um significado possível, dentre os quais estão alguns ligados ao corpo humano, referindo-se aos fluidos do corpo (sangue, bile etc.). Mas, “humor” pode também ser definido como “comicidade em geral”, seu conceito deriva do campo da Filosofia, que o designa como a capacidade de expressar ou perceber tal comicidade. Afora os campos de estudo citados previamente, temos o da linguística, que se dedica a estudar mais especificamente a manifestação do riso através dos discursos de humor, que por sua vez, se realizam pelas práticas textuais.

O humor consiste em um acontecimento linguístico realizado por um enunciador que visa a ser engraçado e, ao ser percebido como tal, causar o riso dos seus interlocutores, o que se configura como sendo seu principal objetivo enquanto humorista. Conversas informais, tirinhas, charges, piadas, fábulas etc. muitos gêneros são criados e outros, momentaneamente modificados com o propósito de contribuir com a tarefa de espalhar o humor em diversos contextos sociais.

O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas “crônicas” e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos [...] “comédias em pé”, programas de rádio e de televisão... Além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto [...] (POSSENTI, 2010, p. 175).

Em muitas situações, vemos enunciados cômicos abordando assuntos que não são discutidos abertamente em sociedade. Assim, devemos encarar os discursos humorísticos para além de sua capacidade de “causar riso”, mas como uma forma de fazer com que os interlocutores dialoguem com temáticas que, não fosse pela ponte estabelecida através do discurso cômico, eles dificilmente dialogariam. Além disso, inúmeras produções

humorísticas servem para desmistificar certas temáticas, quebrar tabus, colocar outras realidades em evidência, combater os preconceitos sociais e tantas outras funções.

Atualmente, as produções humorísticas têm ganhado cada vez mais espaço, muito provavelmente, essa conquista se deve ao crescimento do uso das redes sociais, que têm encorajado diversas pessoas a optarem por fazer humor como sendo uma profissão, como é o caso de muitos *YouTubers*, os quais criam canais no *YouTube* para fazerem vídeos com conteúdo humorístico. Outro fator que influencia diretamente nesta tomada de espaço é a facilidade com que as pessoas podem produzir conteúdo humorístico, uma vez que não é uma obrigatoriedade ter diploma de humorista para exercer tal papel, esta que é uma atividade livre.

Nesse sentido, o que estamos dizendo é: os humoristas podem surgir em qualquer contexto, bem como podem ser qualquer pessoa. Todavia, não é por ser tão recorrente e estar popularizado que o discurso humorístico deve ser visto como trivial. Na verdade, os gêneros de humor são complexos e desafiam o leitor na construção de sentido e na compreensão que são esperadas pelo autor, que exigem que os interlocutores se utilizem de fatores linguísticos e extralinguísticos, assim, concordamos com a afirmação de que “piadas podem ser breves, mas nunca fáceis. Se as entendemos, isso não é uma prova de que são fáceis, mas sim de que damos conta de coisas (pelo menos de textos) relativamente complexas” (POSSENTI, 2010, p. 103). O posicionamento do autor sobre as piadas serve também para fundamentar o nosso pensamento sobre qualquer enunciado de humor.

São muitas as estratégias linguísticas usadas para se construir um texto humorístico, que vão desde a fonética, como no caso da supressão de fonemas ou o uso de palavras foneticamente semelhantes, até o nível da sintaxe, quando a posição das palavras em um enunciado pode ser determinante para se obter o efeito de sentido desejado. Apesar de os textos humorísticos oferecerem subsídios para longas pesquisas, no presente trabalho nos limitaremos a estudar três recursos que geralmente aparecem nos textos de humor e que, posteriormente, serão analisados como sendo parte importante da construção do humor dos *memes* selecionados para nossa pesquisa. São estes os recursos: intertextualidade, ambiguidade e quebra de expectativas.

2.1 Intertextualidade

Em seu sentido mais básico, a intertextualidade pode ser entendida como a presença de um texto em outro texto, explícita ou implicitamente. Este critério de textualidade tem grande espaço entre os estudos realizados no campo da linguística Textual. Os linguistas atuais concordam com o fato de que todo texto comunga com outros, isto é, nenhuma produção textual é inédita ou isolada o bastante ao ponto de não ter ao menos um aspecto intertextual. Sendo assim, podemos afirmar seguramente que todo e qualquer texto carrega consigo algo que remeta a uma produção já existente. Na ocorrência da intertextualidade

o texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES, 1974 apud KOCH, 2007, p. 59).

A intertextualidade é um fator muito importante na construção dos textos, uma vez que nos ajuda a estabelecer as relações entre os diferentes discursos que estão presentes em determinada produção textual. Já afirmamos que a intertextualidade acontece comumente em todos os textos, e este acontecimento pode se apresentar de diferentes formas. Nos PCN do Ensino Médio, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, encontramos a seguinte afirmação acerca de como nossos textos se relacionam com outros:

O homem pode ser conhecido pelos textos que produz. Nos textos, os homens geram intertextos cada vez mais diversificados, o princípio das diferenciações encontra no social o alimento de referência. [...] mesmas estruturas lingüísticas (sic) assumem significados diferentes, dependendo das intenções dos interlocutores. Há uma “diversidade de vozes” em um mesmo texto. Normalmente, o uso que fazemos desses recursos não é intencional (BRASIL, 2000, p. 21).

Isso significa que, em qualquer tipo de produção significativa, utilizamo-nos de diferentes intertextos, pegando emprestado um dito para complementar o que queremos dizer, e isto acontece de forma natural, sem que ao menos percebamos. Além disso, a intertextualidade pode se manifestar de diversas maneiras, seja de forma verbal ou não verbal. Ademais, Koch (2015) postula que os intertextos podem aparecer explícita ou implicitamente. Apropriaremos-nos das definições da autora no tocante às explicitudes e implicitudes da intertextualidade.

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita a menção da fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, em como, em se tratando de situações face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo (KOCH, 2015, p. 143).

Sobre a intertextualidade implícita, a autora afirma que essa ocorre quando “se introduz no texto intertexto alheio, sem qualquer menção da fonte” (KOCH, 2015, p. 144). Cabe ao leitor, portanto, reconhecer a presença da intertextualidade.

Essa separação é importante para mostrar que nem sempre os intertextos aparecem bem demarcados e que toda produção textual está repleta de aspectos intertextuais. Ao decidir fazer uso da intertextualidade através de intertextos explicitados ou não, o enunciador espera que seus interlocutores tenham em sua memória discursiva tais intertextos. Conquanto possa parecer que um intertexto que está explícito seja mais fácil de compreender do que um que está implícito, sem o conhecimento prévio, torna-se bastante difícil – para não dizer impossível – que os leitores/ouvintes construam ao menos um dos sentidos que são minimamente esperados em determinado texto. Neste sentido, a memória discursiva é fator crucial em qualquer que seja o caso de intertextualidade, como veremos de forma mais clara no capítulo dedicado às análises do nosso objeto de estudo.

2.2 Ambiguidade

Muito comumente nos deparamos com enunciados que parecem ter seu sentido indeterminado. Uma das causas para a indeterminação de sentido é o processo de ambiguidade, o qual pode se manifestar através da homonímia e da polissemia.

Marques (2001), citada por Paiva (2013, p. 15), explica que “uma forma linguística A é semanticamente ambígua, se o conjunto de leituras ou interpretações que se atribui a A é igual ou superior a dois [...]”. Sabemos que ao conceituarmos a ambiguidade como o fato de um enunciado permitir mais de uma interpretação em sua leitura, estamos dando um conceito raso sobre o que realmente é esse fenômeno linguístico, já que uma análise mais detalhada pode nos revelar a ambiguidade em toda sua profundidade, porém, não é nosso objetivo fazer um apanhado sobre todas as facetas desse recurso.

Aqui destacaremos dois tipos de ambiguidade: estrutural e lexical. O primeiro ocorre quando um enunciado, do ponto de vista sintático, permite-nos fazer mais de uma

interpretação acerca do que está sendo dito. Sendo assim, a desambiguação pode ser feita a partir da reformulação da frase. Como exemplo, temos o seguinte enunciado: “gosto do meu vizinho, mas o cachorro faz muito barulho”. Não está claro se, nesse caso, “cachorro” é um adjetivo para o vizinho ou um substantivo, designando um animal. A confusão na hora da leitura pode ser desfeita de forma simples, com a inserção do pronome possessivo “dele”, assim, teríamos: “gosto do meu vizinho, mas o cachorro *dele* faz muito barulho”.

Quando falamos de ambiguidade lexical, nos referimos às palavras que podem ter mais de um sentido. Esse tipo de ambiguidade pode acontecer por polissemia e por homonímia. Chamamos polissêmicos os itens lexicais que possuem mais de um sentido que, embora diferentes, são compatíveis entre si, uma vez que possuem um sentido básico único. Para exemplificar um item polissêmico, tomemos a palavra “escola” nos seguintes enunciados:

“A escola entrou em greve”.

“É uma escola muito competente”.

“Reformaram a escola e pintaram as paredes de azul”.

Com uma única palavra podemos facilmente fazer referência às pessoas que trabalham na escola; falar da administração da escola; ou comentar a respeito da estrutura física, do prédio. É isso o que ocorre no fenômeno da polissemia.

Já na homonímia, a mesma palavra apresenta mais de um significado, mas com sentidos incompatíveis, isto é, diferente dos polissêmicos, os itens lexicais homônimos não possuem um significado básico comum. A homonímia pode ser definida como

o fenômeno linguístico em que se tem a identidade de duas lexias no plano da expressão, ou seja, formas perfeitamente iguais que se distinguem semanticamente (um significante para dois significados, no plano do conteúdo) ou a identidade de duas construções gramaticais, gerando ambiguidade (ZAVAGLIA, 2003, p. 250).

É o caso de “manga”, palavra que pode ser aplicada em diferentes contextos com significados distantes. Vejamos:

“A manga está madura, pronta para ser colhida”.

“Ele cortou a manga da blusa”.

Claramente, a palavra “manga” nos exemplos acima assume sentidos distintos que são independentes entre si. A ambiguidade é amplamente utilizada em textos do domínio humorístico e de forma bastante intencional. Os enunciados ambíguos objetivam levar os interlocutores ao equívoco e, conseqüentemente, provocar o riso. Nesse sentido, a ambiguidade como recurso para a construção do humor de assemelha ao que faz a quebra de expectativas também em enunciados humorísticos. Sobre isso falaremos no tópico a seguir.

2.3 Quebra de expectativas

Finalmente, compete-nos falar sobre um recurso extremamente utilizado nos textos de humor. Podendo também ser chamada de “incongruência”, a quebra de expectativas constitui a maioria dos textos cômicos existentes, isto porque é um recurso muito eficaz no tocante à construção do humor.

Basicamente, a incongruência se refere ao não atendimento das expectativas que o interlocutor tenha em relação a um enunciado. Isto acontece de forma proposital, já que o autor pretende revelar um elemento surpresa que, geralmente, aparece no final de sua produção textual. O humor acontece quando o leitor percebe que a conclusão do que está sendo dito não condiz com o que fora apresentado até então. Tomemos uma anedota como exemplo:

Dois advogados estão saindo do Fórum, quando um vira para o outro e diz: - E então, vamos tomar alguma coisa?
*E o outro prontamente responde: - Vamos, de quem?*⁷

Está clara a quebra de expectativas que ocorre ao final do texto. O que causa impacto na leitura e, conseqüentemente, dá o tom humorístico à história, é a pergunta “de quem?”, feita pelo segundo advogado, a qual aparece em resposta ao verbo “tomar”. Certamente, antes de lermos a fala da segunda personagem, não nos ocorre que “tomar” tenha outro significado além de “beber”, portanto, até este ponto da leitura, imaginamos que a personagem está convidando seu colega para ir beber em algum bar, por assim dizer. Contudo, nossas expectativas são quebradas no momento em que a segunda personagem

⁷ “Piada de Advogados”. Disponível em:
 <<https://www.piadasnet.com/piada1799advogados.htm>>. Acesso em: 06 out. 2018.

faz a pergunta “de quem?”, e de forma automática ressignificamos o verbo “tomar”, dando-lhe o sentido de “pegar” algo de alguém sem o consentimento do dono. A maneira como termina a piada é consideravelmente pejorativa, o que nos revela que o fato das personagens serem advogados não é aleatório, mas isso nos levaria a outra discussão.

Fato é que a quebra de expectativas é muito eficaz em causar humor, o que explica a sua grande recorrência em textos humorísticos. Ainda vale ressaltar que a quebra de expectativas nunca ocorrerá por si mesma, isto é, a incongruência sempre estará ligada a um ou mais fenômenos. Na piada que utilizamos como exemplo, a polissemia do verbo “tomar” é fator crucial para que se atinja o humor final.

a graça do chiste decorre da ruptura dessa coerência e da proposição de outra leitura. Essa segunda leitura, inesperada, constrói-se também a partir dos traços semânticos do discurso e liga-se freqüentemente (sic) à primeira, previsível, por um elemento figurativo (BARROS, 1994, p. 69 apud Ramos, 2007, p. 124).

Embora o elemento surpresa seja sempre incoerente com o que fora apresentado durante o enunciado, o leitor rapidamente consegue resolver o conflito de informações em sua mente e acaba por conceber a incoerência como um elemento engraçado. A seguir, na seção destinada às análises, poderemos observar mais claramente como não apenas esse, mas os outros dois recursos, atuam como elementos decisivos no propósito humorístico dos *memes*.

3 ANÁLISE

Nosso objeto de análise foi todo retirado de diferentes perfis da rede social *Instagram*. Ao todo foram coletados 45 (quarenta e cinco) *memes* de diversos tipos e com temas variados. Em um segundo momento, separamos os *memes* que apresentavam ao menos um dos três recursos linguísticos abordados nesse trabalho, destes, selecionamos 9 (nove) para compor nosso *corpus*, sendo 3 (três) *memes* para cada categoria de análise. A título de organização, dispomos os *memes* separados de acordo com o recurso linguístico que auxilia na construção do humor em cada um. Dessa forma, começaremos analisando os *memes* que apresentam intertextualidade; depois, analisaremos os *memes* que apresentam ambiguidade; e, por fim, faremos a análise dos *memes* que têm seu humor construído através da quebra de expectativas.

3.1 Memes com intertextualidade

Figura 5 – Meme “estou ciente e quero continuar”⁸



Fonte: Instagram, 2018.

O primeiro *meme* que analisaremos foi retirado de um perfil denominado *Coisas da Kat*. Este perfil tem mais de 1.000.000 (um milhão) de seguidores e ficou muito conhecido em virtude de seu conteúdo humorístico. O perfil pertence a uma jovem chamada Katiuscia Torres, natural do Belém do Pará. Kat, como é popularmente

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bld1EL8Fk2p/?taken-by=coisasdakat>>. Acesso: 17 out. 2018.

conhecida, trabalha como modelo fotográfica e atualmente mora em Los Angeles, nos Estados Unidos. Os *memes* criados/publicados por Kat são, em sua maioria, montagens feitas com fotos dela mesma. Entendemos essas montagens como sendo *memes* pelo fato de darem às mesmas fotos enunciados verbais diferentes, como veremos posteriormente, já que os *memes* do *Coisas da Kat* constituem a maior parte do nosso objeto de análise.

Inicialmente, o uso das aspas no primeiro enunciado nos leva a crer que a Figura 5 é a representação de um possível diálogo entre duas pessoas, no qual o locutor pretende persuadir o seu interlocutor para uma mudança de comportamento, mas este último parece não se deixar influenciar pela tentativa de persuasão e logo responde que tem consciência dos seus atos e não pretende mudá-los. Esta primeira leitura é possível de ser feita com base nos elementos linguísticos explicitados no *meme*.

De fato, o que chama a atenção do leitor é como o enunciado “estou ciente e quero continuar” aparece, isto é, seu estilo visual. Neste caso, a intertextualidade se manifesta como intergenericidade. A intertextualidade intergenérica diz respeito a quando um gênero textual traz em sua composição características próprias de outro gênero. De forma geral, a intergenericidade aparece para gerar um efeito de sentido bem definido pelo locutor.

Portanto, parece-nos que o teor humorístico da Figura 5 consiste, primeiramente, na formalidade com que a resposta é dada e, em segundo lugar, no estilo em que a resposta aparece, o qual é, na verdade, um recorte do gênero formulário. Imaginemos, pois, que o enunciado “estou ciente e quero continuar” fosse substituído por outro com um significado próximo (algo como “eu sei e não vou mudar”) ou estivesse posto no mesmo estilo do enunciado anterior a ele, é provável que não soasse tão engraçado, já que a estética do segundo enunciado ativa em nossa memória o que é um formulário, trazendo a comicidade pela formalidade da resposta. Concluimos que, em se tratando da construção do humor do *meme* acima, os aspectos visuais são tão importantes quanto os verbais.

Figura 6 – Meme “foco, força e fé”⁹



Fonte: Instagram, 2018.

O segundo *meme* a ser analisado foi retirado do *Instagram*, do perfil *Chapolin Sincero*. A exemplo do que citamos acima, esse perfil também tem foco humorístico. Suas postagens são todas compostas por *memes* e, atualmente, conta com quase 14.000.000 (quatorze milhões) de seguidores. As montagens, em sua maioria, são feitas com fotos do personagem Chapolin, o qual ficou internacionalmente conhecido pelo seriado televisivo mexicano *El Chapulín Colorado*, produzido e exibido originalmente nos anos de 1973 a 1979.

Primeiramente, observemos o tema desse *meme*, a saber, a atividade física, que é referida no enunciado como “projeto *fitness*”. A palavra *fitness* é oriunda da língua inglesa e pode ser traduzida para o português como “estar em boa forma”, portanto, podemos inferir que o “projeto” se trata de um plano que visa a atingir uma boa forma física. São alguns dos elementos linguísticos presentes na Figura 6 que nos permitem fazer esta leitura inicial. Contudo, o *meme* em questão tem algo a mais para comunicar: a falência do plano *fitness*. Para comunicar tal falência, o enunciador se utiliza da inserção de uma expressão muito comum atualmente em seu texto, constituindo, assim, a intertextualidade presente no *meme*.

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BIYR6kGn7Su/?taken-by=chapolinsincero>>. Acesso: 17 out. 2018.

O intertexto usado é o enunciado “foco, força e fé”, o qual é amplamente utilizado socialmente como forma de encorajamento pessoal, inclusive em contextos referentes a atividades físicas. Entretanto, devemos destacar que o enunciado “foco, força e fé” não está posto na imagem em sua forma original, ou seja, não está posto de forma linear, e isto é imprescindível para a construção adequada do humor contido no *meme*. A palavra “fé” aparece logo na primeira parte do enunciado, enquanto que o restante do intertexto vem ao final. Contudo, o mais interessante é que ao passo que o vocábulo “só” está atrelado a “fé”, a expressão “já era” aparece ligada a “foco” e “força”. Não é necessário maior esforço para percebermos que: (1) a palavra “só” exclui os elementos que não sejam “fé”; (2) “já era” denota que o “foco” e “força” não existem mais, acabaram. Por fim, não podemos deixar de lado o significado das palavras “foco”, “força” e “fé”, já que o uso delas no *meme* não é aleatório.

De forma bastante breve, podemos afirmar que uma pessoa focada é aquela que não se distrai facilmente e, além disso, tem a certeza do que deseja alcançar. Consequentemente, alguém que está focado em seus objetivos, tem e/ou busca ter a força de vontade necessária para que suas metas sejam alcançadas.

Por último, o sentido de fé está entrelaçado com o sentido de acreditar em algo – nesta análise, pode significar acreditar que algo pode acontecer – embora apenas acreditar não garanta que o esperado venha a se concretizar, sendo necessário, portanto, agir também. Dito isto, é completamente plausível afirmarmos que o humor se constrói a partir do momento em que os interlocutores compreendem que o locutor deseja comunicar que as chances de êxito do “projeto *fitness*” são mínimas, já que, embora acredite que possa obter êxito, ele não tem “foco” nem “força” para tentar alcançar seu objetivo.

Figura 7 – *Meme* “eu não preciso disso”¹⁰



Fonte: Instagram, 2018.

Acima temos um *meme* retirado de um perfil do *Instagram* chamado *Memes Twitter*, o qual conta com quase 550.000 (quinhentos e cinquenta mil) seguidores. Este perfil foi criado com a intenção de compartilhar no *Instagram* os *memes* primeiramente publicados no *Twitter*, que é mais uma entre as diversas redes sociais que existem atualmente.

O *Memes Twitter* replica as postagens de *memes* no *Instagram* por meio de capturas de tela, ou seja, o que vemos é a foto da publicação de um outro perfil, o qual faz parte do *Twitter*, portanto, no tocante ao visual, os *memes* não são como os outros que analisamos anteriormente. Um aspecto interessante sobre este tipo de *meme* é que a fala do usuário que fez a publicação no *Twitter* – referido na imagem como @craiskc – parece ser um elemento que compõe o *meme* na publicação do *Memes Twitter*, mas não o é, posto que o enunciado “os brasileiros agora tão exatamente assim” é a legenda do *post* e, portanto, pode ser substituído por infinitos outros enunciados, não sendo replicado em outras postagens de perfis diferentes e, por consequência, não podendo ser caracterizado como um *meme*.

O *meme* da Figura 7 foi criado e publicado no contexto da Copa do Mundo de 2018, mais especificamente no episódio em que a seleção brasileira de futebol foi

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bk6A0qXAQ_u/?taken-by=memestwitter>. Acesso: 17 out. 2018.

eliminada da competição ao perder para o time belga. A intertextualidade nesse *mem* se manifesta de diferentes maneiras. O primeiro intertexto que podemos notar no enunciado é uma foto da emblemática Rochelle, uma das principais personagens do seriado norte-americano *Everybody Hates Chris* (no Brasil, intitulado *Todo Mundo Odeia o Chris*). Na série de TV, Rochelle ficou conhecida principalmente por seus bordões, o que nos leva ao segundo intertexto.

O enunciado “eu não preciso disso, meu marido tem dois empregos” está entre as falas mais populares da série e é usada pela personagem para se gabar principalmente em situações que não lhe eram favoráveis, como por exemplo, ela ser demitida do seu emprego. O último intertexto presente no *mem* é a imagem da bandeira da Bélgica. Especialmente neste exemplo, o texto não verbal – sobretudo o símbolo belga – é de suma importância não apenas para que se atinja o efeito humorístico desejado, mas para que o enunciado seja plenamente compreendido.

A seleção brasileira de futebol é a única seleção pentacampeã do mundo, contudo, tem deixado a desejar nas últimas edições do campeonato e não ganha o troféu desde 2002. Na última disputa, no ano de 2018, o time do Brasil foi eliminado pelo time da Bélgica, ficando com a sexta colocação. Embora o histórico dos últimos anos não favoreça o time brasileiro, seu legado é incontestável e, sabendo disto, o autor do *mem* se apropriou e adaptou a fala da personagem Rochelle para representar a atitude dos brasileiros ao verem seu time sendo eliminado mais uma vez. Mesmo sofrendo a derrota para o time belga, os torcedores do Brasil poderiam se gabar pelos cinco títulos mundiais conquistados e, desta forma, não serem vistos como oprimidos, mas como superiores aos demais.

3.2 Memes com ambiguidade

Figura 8 – Meme “camiseta de homem”¹¹



Fonte: Instagram, 2018.

Como afirmamos anteriormente, a ambiguidade é um recurso linguístico muito utilizado em enunciados de cunho humorístico. A falta de clareza que os enunciados ambíguos possuem é uma das principais causas da eficácia no propósito humorístico de muitos textos.

Acima, o *meme* retrata um possível diálogo entre duas pessoas, o qual gira em torno de um impasse a respeito de uma camiseta. O item ambíguo é a preposição “de”, contida nas frases “de mulher”, “de homem” e “de algodão”; está claro que ela possui sentido diferente em cada um dos enunciados. O sentido que é atribuído à preposição no primeiro enunciado - “de mulher/de homem”- é equivalente a “[camiseta] feita para mulher/para homem usar”, revelando que a mensagem comunicada é sobre haver tipos de roupas que são feitas para o público masculino e outras que são feitas para o público feminino, tanto que nas lojas faz-se uma divisão entre as seções masculina e feminina.

O segundo enunciado parece-nos ser uma resposta irônica. Notemos a utilização da mesma preposição “de” como forma de invalidar o que fora dito. Em “achei que fosse de algodão”, a preposição somada ao substantivo assume o sentido de “[a camiseta] foi

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bk-nA7qlB5G/?taken-by=coisasdakak>>. Acesso: 17 out. 2018.

feita com o material chamado algodão” ou ainda de que “o material usado na confecção da camiseta foi o algodão”, assim como poderia ter sido feita com lã ou com linho, por exemplo.

Na primeira leitura, nossa mente não encontra problemas em entender que “de mulher/de homem” significa “para mulher/para homem”, entretanto, quando lemos a resposta dada no texto, a compreensão que tínhamos no primeiro momento sofre uma mudança, porquanto passamos a ler o “de” com sentido de “ser feito com tal matéria prima”. Dificilmente uma peça de roupa seria feita com o material “mulher” ou “homem”, daí a brecha para que o sentido da preposição seja o ativador do efeito de humor do *meme*.

Resumidamente, diante da análise feita, podemos elencar ao menos dois sentidos para “de” no enunciado da Figura 8: (1) no primeiro momento, “de” assume o valor da preposição “para”; (2) no segundo momento, “de” equivale à preposição “com”.

Mesmo sabendo que o foco principal dos *memes* não é fazer críticas sociais, estamos, provavelmente, diante de um texto que deseja fazer uma crítica sobre a liberdade das pessoas de usarem as roupas que desejarem sem precisarem se preocupar com os rótulos de gêneros, o que curiosamente também é a causa do humor presente nesse texto.

Figura 9 – *Meme* “película de vidro”¹²



Fonte: Instagram, 2018.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbW52w_Ag9M/?taken-by=coisasdakat>. Acesso: 17 out. 2018.

Diferentemente do que vimos no texto anterior, o item ambíguo aparece apenas uma vez nesse *meme*. Na verdade, para que haja a compreensão do humor pela ambiguidade contida nesse texto, é necessário um conhecimento prévio.

A ambiguidade está no verbo “quebrar”, o qual aparece com um sentido figurado e um sentido literal, este último não está explícito, no entanto. A expressão “quebrar a cara” é popularmente utilizada para dizer que alguém não foi feliz em determinadas circunstâncias, gerando desapontamento ou frustração. Por exemplo, quando lemos que “João confiou em Maria e quebrou a cara”, estamos diante da informação de como a confiança de João em Maria resultou em danos para ele. Sabendo disso, o leitor é capaz de entender que o primeiro enunciado está dizendo que nesse ano, o interlocutor já se prejudicou muitas vezes.

A película de vidro é um acessório muito popular atualmente. É usada para proteger a tela dos celulares contra arranhões, quedas ou qualquer tipo de incidente diretamente contra o visor do aparelho celular. Se muito danificada, a película pode ser removida e trocada por uma nova. Na maioria dos casos, mesmo com a película de vidro quebrada, a tela do celular continua intacta.

Para muitas pessoas, pode parecer que as informações do texto estão desconexas, mas não estão. Vimos que a relação entre “película de vidro” e “quebrou” é estreita. Tendo em mente as informações sobre a expressão “quebrar a cara” e sobre a película de vidro, fica fácil para os leitores compreenderem o humor do *meme*, que se constrói pelo fato de saber que alguém se frustrou tantas vezes, mas descobriu que era apenas o começo, visto que, se retirada a “película”, sua “cara” estará intacta, ou seja, pronta para sofrer mais.

Figura 10 – Meme “vai passar”¹³

Fonte: Instagram, 2018.

O perfil *Tobias Oficial* é, assim como os outros perfis aqui citados, dedicado inteiramente à criação e ao compartilhamento de *memes*. Atualmente, mais de 120.000 (cento e vinte mil) usuários seguem essa conta no *Instagram*. As montagens são feitas com a fotografia de uma criança chamada de Tobias nas redes sociais, porém não sabemos se esse é o seu verdadeiro nome, pois não conseguimos identificar quem realmente é a criança usada nos *memes* do *Tobias Oficial*.

O texto escrito é iniciado com uma mensagem de consolo. A palavra “calma” é a primeira que nos permite entender a mensagem como confortadora. Em seguida, “tudo vai passar” nos comunica algo como “tudo vai ficar bem” ou “essa fase ruim é momentânea”. Também inferimos que “tudo” não pode significar algo bom, do contrário, anularia o propósito consolador do enunciado. Essa é a primeira parte da leitura e não exige dos interlocutores grandes esforços.

O elemento surpresa aparece quando o verbo “passar” assume o sentido de “passar por cima”, ou seja, de “atropelar”. O que de início era apenas um consolo, agora pode ser entendido também como um péssimo acontecimento.

A conclusão à qual chegamos é que, por causa da ambiguidade do verbo “passar”, o *meme* comunica que ao menos uma das duas possibilidades irá se concretizar, isto é, “tudo” – que é ruim – pode deixar de acontecer e dar lugar a bons momentos; “tudo” de

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bo6xwAmnkdn/?taken-by=tobias.oficial>>. Acesso: 17 out. 2018.

ruim vai se agravar e prejudicar ainda mais a pessoa, daí o sentido figurado de “atropelar”; ou numa última hipótese, “tudo” vai primeiramente atropelar e depois dar lugar a boas experiências. A mudança repentina no significado de “passar” é o que causa o humor desse *memes*.

3.3 Memes com quebra de expectativas

Figura 11 – Meme “entrega”¹⁴



Fonte: Instagram, 2018.

O personagem Bode Gaiato ficou conhecido através de uma página do *Facebook* de mesmo nome, criada em 2013. O dono e criador da página chama-se Bruno Melo, é natural de Pernambuco e atualmente estuda Engenharia Elétrica. O propósito da *fanpage* é fazer referência aos costumes do Nordeste brasileiro, sobretudo os da região pernambucana. O formato dos *memes* do *Bode Gaiato* segue o padrão de um cenário composto por imagens do espaço sideral e figuras digitalmente criadas de bodes com corpo de humanos.

Esse tipo de *meme* é diferente dos demais apresentados em nossa análise. Embora seja possível encontrar *memes* com o mesmo estilo visual dos *memes* analisados anteriormente, são mais comuns as publicações de imagens que contam histórias através de diálogos curtos entre dois ou mais personagens. É interessante notar que a estética

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BkITUJbgT6J/?taken-by=bodegaiato>>. Acesso em: 17 out. 2018.

desse tipo de montagem faz-nos lembrar do gênero textual tirinha, uma vez que a narrativa é dividida em dois quadros. Nesse caso, podemos afirmar haver uma intergenericidade. Em casos como esse, o *meme* é constituído pelas figuras dos personagens, já que são replicadas – sem sofrerem alterações visuais – e usadas com enunciados diversificados.

O diálogo presente na Figura 11 gira em torno do que um deles “faz da vida”. Na primeira parte, os enunciados verbais nos permitem entender que um dos personagens trabalha fazendo entrega. No entanto, ao fazer a leitura do último enunciado, na segunda parte, concluímos que o personagem ainda está procurando um emprego.

Quando lemos que uma pessoa trabalha “com entrega”, nossa memória social pode levar-nos a crer que essa pessoa está a serviço de uma empresa para ir até seus clientes e entregar as mercadorias que por eles foram compradas, como é no caso do que atualmente chamamos de “serviço *delivery*”. Esta é apenas uma das possibilidades do que nossa memória pode ativar até o momento em que lemos o enunciado “trabalho com entrega”, pois o enunciado posterior aparece para mudar totalmente nossas suposições. É a palavra “currículo” que quebra as expectativas do leitor. Geralmente, para que se obtenha um emprego em alguma instituição, é necessário que um currículo seja entregue e avaliado antes de ser feita a admissão daquele que o entregou. Ao recuperarmos estas informações – que nos foram dadas ao longo da vida, através do convívio social – entendemos que soa incoerente ser empregado e, ao mesmo tempo, estar buscando um emprego.

Uma última leitura do *meme* nos mostra que, além da quebra de expectativas, outro elemento que torna o humor possível é o enunciado “entrega”, porquanto existe uma via de mão dupla em seu uso. De forma resumida, poderíamos afirmar que se por um lado “entrega” – no sentido de “trabalhar fazendo entregas” – é negado pelo enunciado “currículo”, por outro, “entrega” – no sentido de “o ato de entregar algo” – não pode ser negado, já que o personagem, de fato, realiza o ato de entregar.

Figura 12 – *Meme* “assistir um filminho”¹⁵



Fonte: Instagram, 2018.

O primeiro enunciado deste *meme* não nos causa nenhuma surpresa no momento da leitura, porquanto ele traz uma informação com a qual já estamos familiarizados, por assim dizer. Não é uma situação atípica ouvir/ler que alguém está pensando em assistir a um filme com outra pessoa. É a leitura do enunciado final que nos causa certo estranhamento. A construção dos enunciados humorísticos aparece desta forma não sem uma finalidade. Não haverá quebra de expectativas na leitura se o início do texto não nos direcionar para um pensamento de acordo com o usual. Para que o elemento surpresa seja, de fato, uma surpresa, o enunciado anterior a ele deve nos causar sensação de uma leitura segura, sem conflitos. Desta forma, enquanto lemos o texto, nossa mente convencionada que o final dele será complementar ao que está sendo posto.

Naturalmente, a palavra “filminho”, usada no início do *meme*, nos leva a crer que o enunciado “me indiquem” estará relacionado a ela, já que é recorrente falarmos em “indicação de filmes”. No entanto, nossa lógica de pensamento é subvertida no momento em que lemos o enunciador pedindo que lhe seja indicada uma pessoa para ele gostar. A partir de então, percebemos que se trata de uma informação inesperada, dado o contexto inicial do *meme*, o qual nos direciona a imaginar uma conclusão distinta da que nos é efetivamente apresentada.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BllJb7SFpdv/?taken-by=coisasdakat>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Ainda podemos refletir a respeito do significado de “gostar”, embora provavelmente não consigamos mais do que apenas fazer suposições quanto à sua significação, já que estamos lidando com uma palavra polissêmica, neste contexto especificamente. Apesar disso, podemos construir dois pensamentos acerca deste verbo, uma vez que ele pode: (1) se referir a gostar de alguém no sentido de se apaixonar; (2) fazer referência a gostar de qualquer pessoa no sentido de apenas demonstrar simpatia por ela. Se levarmos em conta a primeira suposição, entenderemos que o locutor deseja se apaixonar por uma pessoa a fim de poder concretizar o desejo de assistir a um filme com ela, como um tipo de programa romântico. Já no caso da segunda suposição, poderemos imaginar que o locutor não tem facilidade em fazer amizade, mas deseja ter ao menos uma pessoa com quem possa se divertir.

O artigo “a”, que está definindo tal “pessoa”, poderia ajudar a determinar do que realmente fala o verbo “gostar”, mas, neste caso, “a pessoa” pode ser tanto “a pessoa pela qual eu possa me apaixonar” quanto “a [única] pessoa com quem eu venha a simpatizar”. Não poderíamos deixar de lado a interpretação deste enunciado, mesmo que, para todo efeito, a construção do humor não seja prejudicada pelo fato de não sabermos a que se refere o verbo “gostar”, já que a quebra de expectativas se sobressai como fator determinante para causar humor nos leitores desse *meme*.

Figura 13 – *Meme* “apaixonados”¹⁶



Fonte: Instagram, 2018.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B15cGwVFVqr/?taken-by=coisasdakat>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Saber que duas pessoas se conheceram e, logo após, receber a informação de que estão apaixonadas, por implicatura, não nos informa outra coisa senão que as duas pessoas que se conheceram passaram a se gostar e, conseqüentemente, se apaixonaram uma pela outra. Por ocasião do enunciado “conheci um menino e”, o que vem a seguir – “estamos super apaixonados” – dificilmente será interpretado como outro acontecimento a não ser o de que a paixão foi o resultado de terem conhecido um ao outro. Poderíamos dizer também que a conjunção “e” nos conduz a uma leitura próxima de “conheci um menino e [agora] estamos super apaixonados [um pelo outro]”.

A quebra de expectativas que acontece no texto acima é bastante brusca, já que ela ocorre na última palavra da parte final do enunciado. O autor prolongou ao máximo o momento em que o elemento surpresa apareceria, sendo assim, a linearidade da leitura é anulada no último instante. Quando os interlocutores estão seguros do que está sendo dito, uma nova informação é adicionada: a de que o sentimento não é recíproco. O humor do *meme* acima só é possível através do enunciado “por outra”, que foi posto no lugar de “por mim”, como era de se esperar, se levarmos em consideração o que já havia sido dito.

O que podemos perceber, com estas análises, é a eficácia dos recursos como a intertextualidade, a ambiguidade e a quebra de expectativa na construção de sentido do humor nos *memes*. Vale ressaltar que, em função da necessidade de um recorte do *corpus*, limitamo-nos à análise de nove textos, no entanto, há muita produtividade no uso desses recursos semântico-textuais no gênero em questão.

Faz-se necessário ressaltar que, apesar de sua eficácia, os recursos aqui analisados não são os únicos responsáveis pela construção do humor dos *memes*. De fato, eles auxiliam no êxito do efeito humorístico que os textos carregam. Isso reforça como nossa língua é complexa, além de explicitar o que há por trás do que parece ser um enunciado simples ou apenas uma montagem, por isso afirmamos o quanto ainda pode ser explorado a partir desse gênero textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como ocorre nas tirinhas e piadas, o teor humorístico dos *memes*, na maioria das vezes, apela para a quebra de expectativas por si só ou por meio da intertextualidade e da ambiguidade. Embora parecidos, o *meme* não se encaixa no gênero da tirinha nem da charge ou da piada, por isso, requer um estudo à parte. Com base nisso, nosso trabalho objetivou analisar como os recursos semântico-textuais intertextualidade, ambiguidade e quebra de expectativas contribuem para causar o humor especificamente no gênero *meme*. Como forma de alcançar nosso objetivo, selecionamos nove *memes* com diferentes temáticas e os analisamos de forma descritiva.

Para chegar até o momento da análise, fizemos um pequeno percurso desde a noção básica do que é um texto, passando pelo conceito de gêneros, tipos textuais e *meme*. Em seguida, lançamos mão do que se tem estudado e afirmado sobre o discurso humorístico e delimitamo-nos a expor os três recursos linguísticos já citados aqui, os quais serviram de base para nossa análise.

Concluimos que os três recursos que escolhemos para fundamentar as análises são muito eficazes para construir o humor nos enunciados do gênero analisado. Imaginamos que por se tratar de um texto que geralmente é breve em suas palavras, esses recursos são uma forma de o locutor atingir rapidamente a finalidade de causar riso em seus interlocutores, como acontece nas piadas curtas, por exemplo.

Finalmente, assim como os tópicos teóricos aqui apresentados podem ser expandidos e aprofundados, temos a consciência de que esse estudo é apenas uma pequena porção do que pode ser extraído do gênero textual que escolhemos.

Entendemos que os *memes* podem ser de grande utilidade nas aulas de português dos Ensinos Fundamental e Médio, primeiramente por ser um gênero textual muito conhecido e compartilhado, principalmente entre os adolescentes e jovens. Certamente a familiaridade com os *memes* levaria os alunos a um maior interesse de investigar os textos. Em segundo lugar, por se tratar de um gênero que possibilita muitas atividades, tais como interpretação de texto, produção textual, análise crítica etc., portanto, analisar os enunciados do ponto de vista da semântica é um importante passo, mas apenas um dos tantos que podem ser dados, principalmente no contexto escolar.

Com o presente trabalho, esperamos contribuir com os estudos acerca dos textos do segmento humorístico, embora saibamos que este é apenas uma pequena parte de um todo. Por isso, acreditamos que muitas são as possibilidades de pesquisa a respeito dos *memes*, principalmente por seu crescimento progressivo a cada dia, o que contribui para a quase infinita quantidade de *memes* que podem servir como objeto de análise para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. [s.l]: Companhia das Letras, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEME. In: **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/meme>>. Acesso em: 17 set. 2018.
- PAIVA, Fernanda do Nascimento. **Ambiguidade lexical: a variação de sentido em propagandas**. 2013. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3155/1/FNP16042013.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.
- POSSENTI, Sírío. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, Paulo Eduardo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-04092007-141941.
- SANTOS, José Elderson de Souza. As intertextualidades explícita e implícita no discurso político. **Ao Pé da Letra**, S/l, v. 18, n. 2, p.119-137, jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231894/26077>>. Acesso em: 04 out. 2018.
- ZAVAGLIA, C. **Ambigüidade gerada pela homonímia: revisão teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos**. D.E.L.T.A, v. 19, n. 2, p. 237-266, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19n2/a01v19n2.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2018.